Max Paradox

**PROBLEMA? RELAXA. VOCÊ DÁ CONTA!**

# A Foto do Meu Filho Já Tem Mais Alcance do Que Eu

## Como Combinar com Pessoas Próximas as Regras para Compartilhar Fotos de Crianças



# A Foto do Meu Filho Já Tem Mais Alcance do Que Eu

## Como Combinar com Pessoas Próximas as Regras para Compartilhar Fotos de Crianças

Max Paradox

Rozwiąż swój problem z przymrużeniem oka

ISBN: 9788384909300

ALL-IN Rafał Płonkowski



# ÍNDICE

INTRO ..... 5

Capítulo 1 - A foto não termina quando você aperta o botão..... 11

Capítulo 2 - Cada pessoa da família tem sua própria definição de "privado".....19

Capítulo 3 - Por que é tão fácil compartilhar fotos de crianças? ..... 28

Capítulo 4 - Boas intenções não bastam: erros que dificultam a proteção da privacidade ..... 39

Capítulo 5 - O chat da família não é um cofre. O que acontece com uma foto depois que você a envia? ..... 52

Capítulo 6 - Exceções familiares que, silenciosamente, se transformam em regras ..... 64

Capítulo 7 - A privacidade da criança não é motivo para controlar a família inteira ..... 79

Capítulo 8 - A criança não é um projeto fotográfico em tempo integral.....91

Capítulo 9 - Regras que realmente funcionam: crie um sistema familiar para compartilhar fotografias .....104

Capítulo 10 - Como conversar com a família sem transformar o almoço em um tribunal familiar? ..... 114

Capítulo 11 - Antes de clicar em "Publicar": como tomar boas decisões sobre as fotografias da criança .....127

Capítulo 12 - Escola, creche, aniversários e viagens: o que fazer quando outras pessoas tiram as fotografias?.....138

Capítulo 13 - Organizando o álbum digital: o que fazer com as fotografias da criança que já estão na internet?.....152

Capítulo 14 - O código familiar de privacidade: como ensinar todos a respeitar as fotografias dos outros?.....164

Capítulo 15 - Quando alguém não respeita as regras: como reagir a violações repetidas?.....176

Capítulo 16 - Quando uma regra não serve para toda a família: situações difíceis e configurações familiares diferentes .....189

Capítulo 17 - Quando uma fotografia sai do controle: situações de crise e decisões difíceis.....204

Capítulo 18 - Privacidade a longo prazo: como manter as regras quando a vida volta a acelerar?.....216

Capítulo 19 - A criança cresce, mas suas fotos ficam: como devolver a ela o controle sobre a própria história? .....230

Capítulo 20 - Sua família, suas regras: como viver com privacidade sem vigiar fotografias o tempo todo? .....241

# INTRO

A primeira vez que você percebe que uma foto do seu filho ultrapassou o círculo familiar é quando alguém que você não vê há anos pergunta se a criança ainda frequenta a mesma creche. Ou quando uma conhecida de uma conhecida comenta uma fotografia das férias, embora você não se lembre de jamais ter mostrado qualquer coisa a ela. Às vezes, a descoberta é menos espetacular: você está navegando pelas redes sociais e encontra o rosto do seu filho no perfil da tia, entre felicitações de aniversário, corações e comentários de pessoas cujos nomes não lhe dizem absolutamente nada. A tia está encantada. A criança está adorável. E você acaba de descobrir que o álbum da família também funciona como um megafone público.

Não precisa existir nenhuma má intenção por trás disso. Alguém quis se orgulhar do neto, compartilhar uma alegria, mostrar aos amigos como a sobrinha está crescendo depressa ou guardar uma lembrança do almoço de domingo. Para muitas pessoas, publicar uma foto na internet é simplesmente a versão contemporânea de enviar uma fotografia pelo correio aos parentes. A diferença é que o cartão-postal chegava a uma caixa de correio específica, enquanto uma publicação pode ser copiada, encaminhada, salva, exibida a pessoas de fora do grupo original e encontrada muito tempo depois de seu autor já ter se esquecido dela. A distância entre "mandei para a família" e "publiquei no meu perfil" pode ser muito maior do que sugere o inocente botão "publicar".

É justamente por isso que o assunto das fotos de crianças pode provocar emoções desproporcionais ao tamanho de

uma fotografia. Uma pessoa enxerga uma lembrança carinhosa; outra, uma invasão de privacidade. Os avós podem sentir que estão sendo privados da alegria de compartilhar uma etapa importante da vida do neto. Os pais podem ter a sensação de que precisam explicar algo que deveria ser óbvio: amar uma criança não significa automaticamente ter o direito de publicar sua imagem. E a criança? Geralmente não participa dessa conversa porque tem três anos, acabou de comer um lápis de cera ou está ocupada investigando se uma poça d'água seria um bom lugar para morar.

A ideia não é considerar toda fotografia uma ameaça nem transformar os encontros familiares em reuniões de fiscais de proteção de dados. As fotos fazem parte da vida em comum. Elas permitem guardar momentos que não podem ser repetidos e compartilhar alegrias com pessoas que moram longe. O problema começa quando cada participante do círculo familiar tem sua própria definição da palavra "privado". Para uma pessoa, privado significa um grupo de algumas centenas de amigos. Para outra, significa uma conversa com duas pessoas específicas. Alguém considera que uma foto sem sobrenome é anônima, enquanto outra pessoa sabe que um rosto, o uniforme de uma escola, um lugar característico e uma legenda podem revelar surpreendentemente muita coisa. Todos podem acreditar que estão agindo com bom senso e, ainda assim, suas atitudes podem ser completamente incompatíveis.

Os mal-entendidos familiares também costumam surgir porque as regras existem apenas na cabeça dos pais. A mãe presume que, como ela mesma não publica fotos, os parentes também não farão isso. O pai comenta casualmente, em algum momento: "Não publiquem isso em

lugar nenhum", mas não explica se está falando de perfis públicos, grupos fechados, aplicativos de mensagens ou até mesmo do envio de uma fotografia para outros parentes. A avó entende: "Não mostre fotos para estranhos", então publica as imagens para seus amigos, que ela conhece há trinta anos e, portanto, evidentemente não considera estranhos. Cada lado se lembra de uma versão diferente da conversa. Depois aparecem as reclamações e, junto com elas, o clássico argumento familiar: "Mas eu sempre fiz assim e nunca incomodou ninguém". Essa frase não resolve o problema. Apenas informa que, até agora, ninguém estabeleceu regras suficientemente claras.

A parte mais difícil, portanto, não é encontrar uma configuração mágica de privacidade. É conversar com pessoas que você ama, que também amam seu filho e que podem interpretar as restrições como uma ofensa pessoal. É fácil dizer: "Estabeleça limites". Mais difícil é fazer isso à mesa, quando alguém acabou de imprimir cinquenta fotos das férias e o tio anuncia que já publicou as melhores no Facebook. Mais difícil ainda quando os próprios pais não concordam: um deles gosta de publicar fotografias da família, enquanto o outro preferiria que o rosto da criança não aparecesse na internet. Nesse caso, conversar com os parentes é apenas uma parte da tarefa. Primeiro, vocês precisam decidir o que realmente desejam como pais e quais questões são importantes o suficiente para não serem negociadas.

Este livro não parte do princípio de que existe uma única política correta para todas as famílias. Algumas famílias publicam conscientemente determinadas fotografias, outras preferem não mostrar o rosto da criança, e há aquelas que optam por compartilhar imagens apenas diretamente com

pessoas específicas. O importante é que a decisão seja consciente, conjunta e possível de explicar, em vez de ser tomada sob a pressão de comentários ou de uma emoção passageira. Vale a pena distinguir entre tirar uma foto, enviá-la, publicá-la, marcar a criança, acrescentar uma localização e encaminhar a imagem para outras pessoas. São ações diferentes, embora, na correria do cotidiano, muitas vezes acabem colocadas no mesmo pacote com a etiqueta "fotos".

Vamos examinar quais informações uma fotografia pode revelar, por que a configuração "somente amigos" nem sempre significa que você tem controle sobre a circulação posterior da imagem e como pensar na privacidade de uma criança que, com o tempo, começará a ter suas próprias opiniões sobre sua imagem. Sem espalhar medo da internet e sem fingir que é possível prever todos os cenários imagináveis. Você aprenderá a reconhecer situações em que vale a pena dizer "sim", "não" ou "sim, mas com algumas condições", além de formular essas decisões de maneira que as pessoas próximas saibam exatamente o que podem fazer. Em vez de uma proibição genérica, haverá regras claras: para quem uma foto pode ser enviada, onde ela pode ser publicada, o que não deve ser mostrado e como agir quando alguém ultrapassar os limites combinados.

Também vamos conversar sobre como proteger a privacidade sem transformar o assunto em um conflito interminável. É possível valorizar a alegria da avó sem concordar com a publicação. É possível permitir que os avós guardem fotografias e, ao mesmo tempo, pedir que não as encaminhem a outras pessoas. É possível explicar à criança por que perguntamos se ela concorda em ser fotografada,

sem transferir para uma criança pequena a responsabilidade pelas decisões dos adultos. E também é possível mudar as regras quando a criança cresce, a situação familiar se transforma ou a solução anterior deixa de funcionar para vocês. Uma boa regra não precisa ser complicada. Precisa ser compreensível, consistente e possível de aplicar até mesmo quando todos estão cansados e o encontro familiar acaba de atingir um nível de barulho comparável ao de um pequeno aeroporto.

Você não precisa convencer todo mundo de que sua abordagem é a única sensata. Precisa saber dizer o que é importante para sua família, o que vocês não autorizam e qual solução ainda permite que as pessoas próximas participem da vida da criança. Às vezes, basta uma mensagem curta antes de uma comemoração. Em outras situações, será necessária uma conversa tranquila e a repetição dos combinados. Também pode acontecer de alguém ficar ofendido, ignorar seu pedido ou considerar que você está exagerando. Nem todas as reações podem ser controladas. Mas é possível reduzir as ambiguidades, não deixar espaço para suposições e reagir sem brigar, mas também sem abandonar sua decisão diante do primeiro suspiro de desaprovação.

Seu filho não é uma atualização familiar que qualquer pessoa pode publicar sempre que aparece uma nova versão. É uma pessoa cuja privacidade ainda está se formando e cuja presença digital, neste momento, é construída principalmente pelos adultos. Não é necessário abrir mão de fotografias, lembranças ou proximidade por causa disso. Vale a pena, porém, estabelecer quem decide sobre o compartilhamento dessas imagens, em que medida e com que respeito por esse pequeno ser humano que, um

dia, poderá olhar para aquele álbum de uma perspectiva completamente diferente. O objetivo não é vencer uma discussão familiar por causa de uma fotografia. O objetivo é criar regras que garantam que a próxima foto não seja o começo de mais uma.

# Capítulo 1 - A foto não termina quando você aperta o botão

Imagine um sábado qualquer. A criança está sentada à mesa, com o rosto sujo de chocolate, usando uma coroa de papel na cabeça. Na sua frente há um bolo que parece ter sido construído durante um pequeno terremoto. A avó tira uma foto. Depois outra. Na terceira, pede ao neto que sorria. Na quarta, fotografa o bolo, porque considera que o estado dele também merece ser documentado. À noite, envia a melhor fotografia para a família. No dia seguinte, a imagem aparece em seu perfil nas redes sociais, acompanhada da legenda: "Meu tesouro amado! O aniversário mais lindo!". Abaixo, dezenas de reações, felicitações e comentários.

Do ponto de vista da avó, tudo aconteceu naturalmente. Ela tirou uma foto, guardou uma lembrança e compartilhou sua felicidade. Do ponto de vista dos pais, porém, aconteceram várias coisas diferentes que foram tratadas como se fossem uma só. A fotografia foi tirada, armazenada no celular, enviada a outras pessoas e, depois, publicada na internet. Cada uma dessas etapas representa uma ação diferente, mas, na vida cotidiana, frequentemente não percebemos o momento em que uma lembrança privada se transforma em conteúdo disponível para um público muito maior.

Esse é o primeiro mecanismo que vale a pena compreender: uma fotografia não é apenas a imagem de um instante. Ela também é um objeto que pode mudar de mãos, de destinatários e de contexto. A pessoa que apertou o botão da câmera nem sempre é aquela que decidirá posteriormente como a imagem será utilizada. E alguém que

recebeu uma fotografia não adquire automaticamente o direito de compartilhá-la de todas as maneiras possíveis.

Uma fotografia, várias decisões diferentes

Nas conversas familiares, a palavra "foto" costuma ser utilizada como se descrevesse uma única atividade. Entretanto, fotografar, armazenar a imagem, enviá-la a uma pessoa específica e publicá-la em um perfil são ações distintas. Você pode concordar com uma delas e não concordar com as demais.

Por exemplo, você permite que os avós fotografem seu filho durante uma viagem em família. Isso não significa que esteja automaticamente autorizando a publicação de todas essas fotografias nas redes sociais. Você pode não se importar que a avó envie uma imagem para a irmã dela, mas não querer que ela a compartilhe com todo o grupo de amigos. Também pode aceitar um álbum familiar acessível a algumas pessoas específicas, sem desejar publicações abertas ao público.

Essa distinção é importante porque permite evitar dois extremos. O primeiro consiste em presumir que, se alguém pode tirar fotografias, também pode fazer absolutamente qualquer coisa com elas depois. O segundo pressupõe que proteger a privacidade exige proibir completamente as fotografias. Entre essas duas possibilidades, existe bastante espaço para soluções razoáveis.

Vale a pena começar organizando sua própria posição. Antes de conversar com a família, responda a si mesmo com o que realmente concorda. Você não precisa elaborar imediatamente um regulamento de várias páginas que pareça um documento a ser assinado na retirada das chaves de um apartamento. Basta separar quatro questões:

- As pessoas próximas podem fotografar a criança durante os encontros familiares?
- Podem armazenar essas fotografias em seus próprios dispositivos?
- Podem enviá-las a outras pessoas?
- Podem publicá-las na internet?

Talvez você responda sim às três primeiras perguntas e não à quarta. Também pode ter uma posição diferente. O mais importante é saber onde está seu limite, em vez de descobri-lo somente quando alguém já o ultrapassou.

O público que você não consegue enxergar

Uma das características mais enganosas das redes sociais é a maneira como elas apresentam o público de uma publicação. Quando alguém compartilha uma fotografia, vê o nome do próprio perfil, a imagem e a lista de reações. Mas não consegue visualizar todo o caminho que aquela imagem poderá percorrer depois de publicada.

Muitos usuários acreditam que, se seu perfil é privado, a publicação também permanece privada. Mas essas duas coisas não são equivalentes. Restringir a visibilidade pode reduzir o número de pessoas que verão diretamente a postagem, mas não oferece controle total sobre a circulação posterior da fotografia. Alguém pode fazer uma captura de tela, salvar a imagem, mostrá-la à pessoa sentada ao lado ou encaminhá-la para outros contatos. Nem sequer precisa agir de má-fé. Às vezes, basta um simples: "Olha que foto linda que recebi da tia!".

Portanto, é importante distinguir duas coisas: o controle sobre quem pode visualizar uma publicação em determinado perfil e o controle sobre o que acontecerá com a própria imagem depois que ela for compartilhada. A primeira pode

ser parcialmente administrada por meio das configurações da plataforma. A segunda não pode ser garantida apenas com uma alteração nas opções de privacidade.

Imagine uma situação prática: o avô tem um perfil acessível somente aos amigos. Está convencido de que apenas pessoas próximas verão a fotografia da neta. O detalhe é que, ao longo dos anos, acumulou contatos de diferentes fases da vida. Tem vizinhos, antigos colegas de trabalho, amigos da escola, parentes distantes e pessoas com quem conversou pela última vez mais ou menos na época em que os celulares ainda tinham anteninhas. Para ele, todos são conhecidos. Para os pais da criança, são centenas de pessoas que eles sequer seriam capazes de reconhecer.

Isso não significa que todas essas pessoas representem algum perigo. A questão é a dimensão do público e a ausência de uma decisão consciente sobre quem terá acesso à imagem. O pai ou a mãe que envia uma fotografia ao avô pode imaginar que ela será vista por meia dúzia de pessoas. O avô, por sua vez, pode compartilhá-la com um grupo de várias centenas de contatos. Ambos utilizam palavras como "família" ou "amigos", mas suas ideias sobre o alcance da publicação são completamente diferentes.

Por isso, perguntar "Seu perfil é privado?" não é suficiente para estabelecer regras. Uma pergunta muito mais útil seria: "Quem exatamente poderá ver essa foto e existe a possibilidade de ela chegar a outras pessoas?". Não é necessário investigar cada contato armazenado no celular de um familiar. Basta compreender que uma configuração de privacidade não representa uma promessa de confidencialidade absoluta.

Uma fotografia pode revelar mais do que mostra

Quando olhamos para uma fotografia de uma criança, normalmente prestamos atenção ao que está em primeiro plano. Vemos o sorriso, a roupa, o brinquedo ou o novo corte de cabelo. Entretanto, a imagem também pode conter informações que não eram o objetivo principal de quem a fotografou.

Ao fundo, pode aparecer o nome de uma instituição, um edifício característico, uma placa informativa ou o número de uma residência. A roupa pode trazer a identificação da escola ou do clube frequentado pela criança. A legenda pode revelar seu nome, idade, data de aniversário ou o lugar onde a família está passando as férias. Separadamente, cada detalhe pode parecer insignificante. Juntos, porém, podem formar um retrato muito mais preciso da rotina da criança.

As legendas merecem atenção especial. Uma fotografia de um parquinho talvez não revele muita coisa, mas o comentário "Nossa pequena Zosia, todos os dias depois das atividades na creche da rua..." acrescenta um contexto bastante específico. Da mesma forma, uma imagem do primeiro dia de aula, na qual aparece o nome da instituição, pode revelar muito mais do que a família pretendia mostrar.

Não é necessário desenvolver uma obsessão por analisar cada pequeno fragmento de uma fotografia. É mais sensato adquirir um hábito simples: antes de publicar, observar não apenas o rosto da criança, mas também todo o ambiente e a descrição da imagem. Se a fotografia será compartilhada fora do círculo familiar, vale pensar se todos aqueles detalhes são realmente necessários.

Uma regra bastante útil é que a fotografia deve transmitir apenas as informações necessárias para preservar ou compartilhar uma lembrança, e não necessariamente tudo

aquilo que acabou aparecendo por acaso no enquadramento. É possível cortar parte do fundo, deixar de marcar a localização ou retirar uma legenda que revele detalhes da rotina. Em algumas situações, a melhor solução será simplesmente não publicar aquela imagem específica.

Também merecem atenção as fotografias que mostram a criança em situações que poderão causar constrangimento no futuro. Pais e familiares frequentemente consideram essas imagens engraçadas porque conhecem o contexto e as emoções daquele momento. Para a criança que olhará a fotografia alguns anos depois, o significado poderá ser completamente diferente. Um rosto todo borrado depois de comer espaguete pode ser uma anedota familiar, mas uma foto no banheiro, durante a troca de roupa ou em um momento de evidente sofrimento não precisa fazer parte da galeria da família.

Vale adotar um teste simples: eu gostaria que uma fotografia semelhante, mostrando a mim, aparecesse no perfil de outra pessoa? Se a resposta for "provavelmente não", você não precisa de argumentos adicionais para manter aquela imagem fora da internet.

A fotografia também tem um futuro

Os adultos frequentemente tomam decisões sobre publicações pensando apenas no momento presente. A criança é pequena, não utiliza redes sociais e não se preocupa com sua aparência nas fotografias. Entretanto, a presença digital não precisa terminar quando a criança deixa de se interessar por determinada imagem.

Uma fotografia pode permanecer disponível durante muito tempo. Pode ser encontrada pela própria criança quando estiver mais velha, mostrada por parentes durante

um encontro ou utilizada em um contexto completamente diferente. Nem toda publicação terá consequências negativas. Não é essa a questão. Uma atitude sensata consiste em considerar que a decisão tomada hoje por um adulto também envolve a privacidade futura de uma pessoa em desenvolvimento.

Por isso, é importante separar o direito dos pais de tomar decisões no presente da ideia de que eles podem construir, sem qualquer limite, uma história pública da vida da criança. Quanto mais velha ela fica, maior deve ser a importância de sua opinião. Uma criança pequena talvez não compreenda todas as consequências de uma publicação, mas consegue dizer que não gosta de uma fotografia em que aparece de olhos fechados ou que não quer mostrar determinada imagem aos colegas.

Vale a pena ouvir esses sinais. Perguntar se a criança concorda não significa transferir a responsabilidade para ela. A decisão final sobre segurança e alcance da publicação continua sendo dos adultos, mas respeitar sua manifestação ajuda a construir a compreensão de que a imagem de uma pessoa não pertence automaticamente às pessoas ao seu redor.

Faça uma pausa antes de compartilhar

Na prática, uma pequena pausa entre receber uma fotografia e publicá-la pode fazer uma grande diferença. Muitas publicações familiares são criadas espontaneamente. Alguém recebe uma imagem, fica emocionado, acrescenta algumas palavras e aperta o botão. Só depois surge a reflexão sobre se os pais da criança estavam de acordo.

Se você é pai ou mãe, não precisa iniciar uma longa discussão todas as vezes. Pode estabelecer que as

fotografias destinadas à família permaneçam em circulação privada, a menos que vocês autorizem expressamente sua publicação. Se você é a pessoa que recebe as fotografias, adote o princípio inverso: a ausência de uma objeção não significa automaticamente autorização para compartilhar publicamente.

Também vale lembrar que a autorização para uma fotografia não representa autorização para todas as seguintes. Você pode concordar com uma imagem do aniversário e não aceitar a publicação de uma fotografia durante o banho, uma consulta médica ou um momento difícil. Da mesma maneira, permitir que os avós recebam uma imagem não significa permitir que ela seja colocada em um álbum público.

O mais importante é compreender que uma fotografia percorre um caminho e que cada nova etapa desse percurso exige uma decisão própria. Quando a família começa a reconhecer essas diferenças, desaparece parte dos mal-entendidos provocados pela ideia de que "é apenas uma foto". Ela ainda pode ser apenas uma foto. Mas não precisa ser uma foto para todo mundo.

# Capítulo 2 - Cada pessoa da família tem sua própria definição de "privado"

Em determinada família, os pais pedem aos avós que não publiquem fotografias da neta na internet. A avó recebe o pedido com compreensão. Durante algumas semanas, tudo transcorre tranquilamente. Até que, certo dia, os pais encontram uma fotografia da menina no perfil da avó. A imagem está em um grupo fechado, do qual participam conhecidos do bairro e alguns familiares. A avó fica surpresa com a reclamação. Afinal, ela não publicou a foto publicamente. Afinal, trata-se de um grupo privado. Afinal, todos se conhecem.

Os pais ficam igualmente surpresos, porque estavam convencidos de que "não publicar na internet" significava exatamente aquilo que haviam dito. A avó, por outro lado, entendeu que a proibição se referia a um perfil público, acessível a pessoas desconhecidas. Não existe necessariamente má intenção nem desrespeito consciente ao pedido. Existem duas interpretações diferentes da mesma mensagem e uma fotografia que acaba de ser promovida ao cargo de protagonista de um conflito familiar.

Situações como essa mostram por que estabelecer regras para compartilhar fotos de crianças exige mais do que simplesmente pronunciar uma proibição. As pessoas não começam uma conversa com conhecimentos, experiências e convicções idênticos. Aquilo que parece óbvio para uma pode ser uma regra completamente nova para outra. Especialmente em uma família na qual determinados costumes funcionaram durante anos sem serem questionados.

A família não é uma única pessoa com vários celulares

Quando você se torna pai ou mãe, pode ter a impressão de que as decisões relacionadas à criança serão naturalmente incorporadas às regras que já orientavam a família. Na prática, as pessoas próximas nem sempre enxergam a situação da mesma maneira. Cada uma tem sua própria história com fotografias, seus hábitos e sua definição do que significa compartilhar a felicidade familiar.

Para os avós, as fotografias dos netos podem ter uma importância especial. Muitas vezes, são uma maneira de manter a proximidade, principalmente quando os familiares moram longe uns dos outros. Publicar uma imagem pode representar uma demonstração de orgulho, semelhante a mostrar fotografias guardadas na carteira ou colocar um retrato da família sobre uma estante. Nem sempre eles compreendem por que algo que durante tantos anos foi uma maneira natural de compartilhar alegria agora precisa de restrições.

Os pais, por sua vez, podem enxergar a internet como um espaço no qual não desejam deixar um registro detalhado da vida da criança. Não precisam ser contra a tecnologia nem pessoas que consideram todo celular uma possível ferramenta de catástrofe. Podem simplesmente preferir mais privacidade e querer decidir por conta própria quais informações sobre o filho ficarão disponíveis para outras pessoas.

Os dois lados podem ter boas intenções. O problema é que boas intenções não garantem comportamentos compatíveis. A avó quer mostrar o quanto ama a neta. Os pais querem proteger a privacidade da menina. Em determinado momento, esses dois objetivos se encontram na tela de um celular e começam a competir entre si.

Também é importante compreender que, para uma pessoa próxima, o pedido para não publicar fotografias pode soar muito diferente daquilo que os pais realmente quiseram dizer. A avó pode ouvir: "Não confiamos em você". O avô pode pensar: "Eles acham que não sei usar a internet de maneira responsável". A tia pode interpretar a restrição como um sinal de que os pais não querem que ela demonstre orgulho da sobrinha. Enquanto isso, a intenção dos pais é simplesmente estabelecer regras sobre a criança, e não dar aos familiares uma nota em competência digital.

Por isso, é útil separar a mensagem de sua interpretação. Você pode dizer: "Queremos limitar a publicação de fotos da criança na internet. Não é uma questão de confiança em você. Simplesmente decidimos que a imagem do nosso filho não será compartilhada publicamente". Essa explicação não garante que a outra pessoa aceitará as regras com entusiasmo imediato, mas reduz o risco de a conversa se transformar em uma discussão sobre quem ofendeu quem.

A palavra "privado" precisa ser explicada

Uma das maiores fontes de mal-entendidos são palavras que parecem precisas, mas que, na realidade, cada pessoa entende de uma maneira um pouco diferente. "Não coloque na internet", "somente para a família", "não mostre a estranhos", "mantenha isso privado" - todas parecem expressões claras até o momento em que precisam ser aplicadas a uma situação concreta.

Para uma pessoa, "família" significa pais, irmãos e avós. Para outra, inclui também primos, parentes distantes, familiares por afinidade e pessoas que aparecem nas comemorações da família uma vez a cada cinco anos. Alguém considera que um grupo fechado nas redes sociais é privado. Outra pessoa entende que privado significa

exclusivamente uma mensagem enviada a um destinatário específico. Há ainda quem considere privado o armazenamento das fotografias apenas no próprio celular.

Não faz sentido fingir que todas essas definições são iguais. Em vez disso, vale transformar palavras genéricas em ações concretas. Se você não quer publicações na internet, explique se isso também inclui grupos fechados. Se não concorda com o encaminhamento das fotografias, esclareça que o destinatário não deve repassá-las a outras pessoas sem perguntar. Se permite o compartilhamento entre familiares, especifique se está falando de mensagens privadas ou também de um álbum compartilhado.

Por exemplo, em vez de dizer: "Pedimos que vocês tenham cuidado com as fotos", você pode dizer: "Vocês podem fotografar a criança e guardar as imagens para vocês. Também podem enviá-las para nós e para os avós. O que não queremos é que publiquem fotografias da criança em perfis de redes sociais ou em grupos na internet, mesmo que sejam fechados".

A diferença é fundamental. A primeira frase exige que o destinatário adivinhe sozinho o que significa "ter cuidado". A segunda descreve limites concretos. Os familiares não precisam tentar descobrir se uma fotografia publicada no grupo do bairro representa uma exceção à regra. Não representa.

Primeiro os pais, depois o restante da família

Antes de começar a estabelecer regras com avós, tias e tios, verifique se os próprios pais compartilham a mesma posição. Essa é uma etapa que pode ser facilmente esquecida, principalmente quando uma pessoa participa

mais ativamente das conversas familiares e a outra presume que, de alguma maneira, tudo será resolvido.

Imagine uma situação na qual a mãe pede aos familiares que não publiquem fotografias da criança. O pai, por outro lado, publica regularmente imagens no próprio perfil. Os avós percebem essa inconsistência e começam a se perguntar se a regra realmente vale para todos. No fim, podem chegar à conclusão de que, se um dos pais publica fotografias, eles também podem fazer isso.

Isso não significa que os pais precisem ter exatamente a mesma opinião sobre todas as fotografias. Entretanto, devem estabelecer uma base comum que seja válida nas relações com as outras pessoas. Caso contrário, os familiares acabam sendo envolvidos em um conflito que não deveriam ter de resolver.

O ideal é conversar sem a participação dos demais parentes. Não durante a publicação seguinte, quando as emoções já estão à flor da pele, mas em um momento tranquilo. Cada um dos pais deve ter a oportunidade de explicar o que teme, o que considera aceitável e onde estabelece seus limites. Uma pessoa pode não ter problema com fotografias da criança em um álbum familiar, mas não querer publicações abertas ao público. A outra pode aceitar algumas imagens em um perfil com acesso restrito. Nesse caso, será necessário decidir quais regras serão comuns e quais situações exigirão um acordo adicional.

Também é importante não tratar a diferença de opinião como uma competição para descobrir quem é o pai ou a mãe mais responsável. É possível ter perspectivas diferentes sobre privacidade e, ainda assim, cuidar igualmente bem da criança. Em vez de tentar convencer o outro de que sua posição é absurda, vale conversar sobre

consequências concretas e sobre o objetivo que ambos compartilham.

Se os pais não chegarem a um acordo, adotar uma postura mais cautelosa em relação às publicações é uma solução razoável até que consigam tomar uma decisão conjunta. Não vale esperar que a avó resolva uma divergência entre os pais escolhendo a interpretação que mais lhe agrada. Um encontro familiar não é um referendo sobre a política de publicação de fotografias.

Por que as pessoas próximas reagem emocionalmente

Algumas pessoas interpretam as regras relacionadas às fotografias como uma limitação de seu papel na vida da criança. Isso acontece especialmente quando antes compartilhavam imagens livremente e nunca haviam recebido qualquer objeção. Do ponto de vista delas, a mudança pode parecer a retirada de um privilégio que sempre foi considerado natural.

Podem surgir argumentos como: "Mas é meu neto", "Só quero mostrar o quanto amo essa criança" ou "Antigamente ninguém se incomodava com isso". Vale a pena reconhecer o que pode estar por trás dessas afirmações. Às vezes, existe uma necessidade genuína de proximidade; outras vezes, trata-se de um hábito ou de uma dificuldade para aceitar que os pais tomem decisões diferentes daquelas que a própria pessoa tomaria.

Nem toda reação emocional significa manipulação. As pessoas podem se sentir magoadas mesmo quando ninguém teve a intenção de ofendê-las. É possível reconhecer esse sentimento sem abandonar os combinados. Uma boa resposta nessa situação seria: "Entendo que você gosta de mostrar fotos do seu neto e que isso lhe dá alegria.

Não queremos tirar isso de você. Pedimos apenas que as fotografias permaneçam em circulação privada".

Dessa maneira, você reconhece as emoções da outra pessoa sem permitir que o assunto principal da conversa seja substituído. Não precisa provar que o familiar não tem o direito de sentir decepção. Ele tem esse direito. Mas isso não significa que sua decepção anule automaticamente a decisão dos pais.

Também é importante tomar cuidado com as comparações familiares. "Na família da sua prima, todas as fotos estão no Facebook", "Sua irmã não faz disso um problema" ou "Outros pais permitem normalmente". Esses argumentos não dizem absolutamente nada sobre as necessidades de uma criança específica nem sobre as decisões de seus pais. O fato de outra família ter adotado determinadas regras não obriga você a copiá-las.

Como verificar se todos entenderam a mesma coisa

O teste mais simples consiste em apresentar aos familiares algumas situações cotidianas e verificar como eles interpretam os combinados. Não é necessário transformar isso em uma prova familiar. Você pode dizer durante uma conversa:

"Para termos certeza de que estamos nos entendendo: se você tirar uma foto no aniversário, pode guardá-la. Se quiser enviá-la para o avô, tudo bem. Mas não vamos publicá-la no perfil nem em grupos da internet. Se alguém pedir que você encaminhe a fotografia, primeiro pergunte para nós".

Depois, vale abrir espaço para perguntas. Se a avó quiser saber se pode enviar a fotografia para a irmã dela, responda de maneira concreta. Se o tio perguntar sobre um álbum familiar, explique se essa forma de compartilhamento é

permitida. Não interprete as perguntas como tentativas de questionar sua autoridade. Às vezes, os familiares realmente querem compreender as regras, mas precisam de exemplos para isso.

Também é útil pedir à outra pessoa que explique, com as próprias palavras, como entendeu os combinados. Não para controlá-la, mas para identificar possíveis ambiguidades antes que apareça a próxima fotografia. Você pode ouvir: "Então posso enviar a foto para minha irmã, mas não posso colocá-la no meu perfil?". Se essa interpretação corresponde ao que vocês estabeleceram, já existe um ponto de referência comum.

É importante não permitir que a conversa se transforme em um catálogo de todas as situações imagináveis. Você não precisa prever o que acontecerá em cada encontro familiar. Basta explicar as regras fundamentais e deixar aberta a possibilidade de fazer perguntas quando surgir uma situação diferente.

Falta de clareza ainda não significa rebeldia

Se alguém cometer um erro antes de compreender os combinados, vale a pena começar explicando o que aconteceu. Se a avó publicar uma fotografia em um grupo fechado porque acreditava que a proibição se aplicava somente a perfis públicos, você pode dizer: "É exatamente esse tipo de situação que queríamos evitar. Também não queremos publicações em grupos. Pedimos que você apague essa foto e não publique outras".

A situação é diferente quando as regras foram comunicadas claramente e alguém decide ignorá-las de propósito. Nesse caso, não há necessidade de explicar pela décima vez o significado da palavra "não". Você pode